



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI

LEANDRO DA CONCEIÇÃO

**A CONTRIBUIÇÃO DO CONTO INFANTIL “BRANCA DE NEVE”, NO PROCESSO
DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM LÍNGUA INGLESA**

TERESINA
2017

LEANDRO DA CONCEIÇÃO

**A CONTRIBUIÇÃO DO CONTO INFANTIL “BRANCA DE NEVE”, NO PROCESSO
DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Inglês da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como requisito parcial para obtenção da graduação em Letras/Inglês.
Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro B. Barbosa

**TERESINA
2017**

LEANDRO DA CONCEIÇÃO

A CONTRIBUIÇÃO DO CONTO INFANTIL “BRANCA DE NEVE”, NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM LÍNGUA INGLESA

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Inglês da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como requisito parcial para obtenção da graduação em Letras/Inglês.

Aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Socorro B. Barbosa
Orientadora

2º Membro

3º Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de estar realizando esse trabalho de pesquisa, adquirindo conhecimento e aprendizado;

Aos meus familiares, especialmente à minha tia Francisca, pela força, dedicação, cumplicidade e fortalecimento durante essa jornada, à dona Maria pelo apoio, gentileza e acolhimento em sua casa e à minha mãe pela torcida.

Aos professores da minha turma do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Inglês da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, que, durante o processo de ensino acadêmico, incentivaram-me na busca pelo saber, contribuindo de forma direta ou indiretamente, para crescer em aprendizado, e, em especial, à Prof.^a Dr. Orientadora Maria do Socorro B. Barbosa, pela paciência, dedicação, incentivo no processo de desenvolvimento deste TCC.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis (José de Alencar).

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

LDB	Lei de Diretrizes e Base
LE	Língua Estrangeira
LI	Língua Inglesa
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

RESUMO

Este estudo trata do gênero da literatura infantil conhecido como “contos de fadas”, com base na abordagem do conto clássico *Branca de Neve* de Alexandre Callari intitulado *Branca de Neve - Os Contos Clássicos*, publicado em 2012, com o objetivo de contribuir para o entendimento sobre a importância dos contos de fadas, no que tange a possibilidade de proporcionar ao ouvinte/leitor a percepção para as situações diferentes, enriquecer o vocabulário e o desenvolvimento da imaginação e adaptação no contexto social. Neste encalço, buscou-se conhecer a origem do gênero contos de fadas; caracteriza-los e verificar seu papel na aquisição e na construção de conhecimentos no ensino da Língua Inglesa (LI). O trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, livros e artigos científicos, de autores como Coelho (2008), Merege (2010), Silva (2013), Falconi e Farago (2015), dentre outros pesquisadores e estudiosos relacionados ao tema, e Callari (2012). Em conformidade com os objetivos propostos, os resultados evidenciaram que, de origem oral, o conto de fadas é um dos gêneros mais populares da Literatura infantil e que o uso de contos clássicos, como *Branca de Neve*, por exemplo, na sala de aula pode auxiliar na aquisição e na construção de conhecimentos em LI.

Palavras - chave: Contos de Fadas. *Branca de Neve*. Ensino. Língua Inglesa

ABSTRACT

This study/work deals with the genre of children's literature known as "fairy tales", based on Alexandre Callari's approach of classic Snow White tale – entitled *Snow White - The Classic Tales*, published in 2012, in order to contribute to the understanding about the importance of fairy tales in the possibility of providing/giving the listener/reader the perception for different situations, enriching the vocabulary and the development of the imagination and adaptation in the social context. In this search, it was tried to know the origin of the genre fairy tales; characterize them and verify their role in acquiring and building of knowledges of teaching of English Language (LI). The work was carried out through a bibliographical research, books and scientific articles, of authors like Coelho (2008), Merege (2010), Silva (2013), Falconi and Farago (2015), among other researchers and scholars related to the subject, and Callari (2012). In accordance with the proposed goals, the results showed that, of oral origin, the fairy tale is one of the most popular genres of children's literature and that the use of classic tales such as *Snow White*, for example, in the classroom can assisting in the acquisition and construction of knowledges in LI.

Key – Words: Fairy Tales. *Snow White*. Teaching. English Language

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 ETIMOLOGIA, GÊNESE, CARACTERIZAÇÃO E EXPANSÃO DO GÊNERO CONTOS DE FADAS NO MUNDO OCIDENTAL.....	11
2.1 Contos de fadas: Etimologia e definições	11
2.2 Origem e Características dos contos de fadas	11
2.3 Difusão dos contos de fada entre países do ocidente	17
3 O CONTO INFANTIL CLÁSSICO “BRANCA DE NEVE”	20
3.1 Sobre a autoria dos irmãos Grimm	20
3.2 Enredo	21
3.3 Perfil das personagens 3P	23
4 CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA AQUISIÇÃO E NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM LÍNGUA INGLESA (LI)	26
4.1 Utilização dos contos de fadas no âmbito escolar	26
4.2 O uso dos contos de fadas no processo de ensino/aprendizagem de LI.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o gênero da literatura infantil conhecido como “contos de fadas”, os quais são histórias transmitidas de geração para geração na forma oral e/ou contidas nos mais variados suportes de leitura e audiovisuais (livros, revistas, DVD, CD) dos dias atuais, dentre outros menos convencionais como o teatro e o cinema, que abarcam em seus enredos situações que podem ser compreendidas e vivenciadas por meio das emoções e da fantasia que delas fazem parte.

Integrante do mundo infanto-juvenil os contos de fadas, como o da *Branca de Neve*, *A Bela Adormecida* e *Chapeuzinho Vermelho*, são considerados clássicos da literatura mundial. E, ainda presentes no cotidiano das crianças, jovens e também adultos, fazem parte do imaginário coletivo, envolvendo em suas narrativas a fantasia, figuras mágicas, dentre outros aspectos, capazes de provocar no leitor e/ou ouvinte vários sentimentos, despertar para a curiosidade e produzir descobertas, além de constituir presença marcante no campo educacional, uma vez que possibilita aos alunos vivenciarem situações diferentes, além de enriquecerem o vocabulário e contribuírem ao desenvolvimento da imaginação e adaptação no contexto social.

Assim, partindo dessa premissa que dá destaque ao gênero literário contos de fadas, este estudo aborda o clássico *Branca de Neve*, à luz da tradução e análise de Alexandre Callari no livro *Branca de Neve - Os Contos Clássicos* (2012), com o objetivo de contribuir para o entendimento sobre a importância dos contos de fadas no que tange a possibilidade de proporcionar ao ouvinte/leitor a percepção para as situações diferentes, assim como enriquecer o vocabulário e o desenvolvimento da imaginação e adaptação no contexto social, e para tanto, buscou-se conhecer a origem do gênero contos de fadas; caracteriza-los e verificar seu papel na aquisição e na construção de conhecimentos em língua inglesa (LI).

O trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Marcone e Lakatos (2003), consiste em um apanhado geral sobre os principais estudos já realizados, cobertos de importância, devido à capacidade de oferecer dados atuais e relevantes relativos ao tema. Abrange um estudo da literatura pertinente, a qual pode auxiliar na planificação do trabalho, além de representar uma fonte indispensável de informações, capaz ainda de orientar os questionamentos.

Desta maneira, a pesquisa abrangeu o levantamento bibliográfico, por meio do qual foram consultados livros e artigos científicos, de autores como Coelho (2008), Merege (2010), Silva (2013), Falconi e Farago (2015), dentre outros pesquisadores e estudiosos relacionados ao tema, e Callari (2012), especificamente da sua publicação *Branca de Neve - Os Contos Clássicos*.

Neste sentido, esta pesquisa dilui o tema em quatro seções: o primeiro apresenta as considerações iniciais referentes ao tema tratado, o segundo aborda a etimologia, gênese, caracterização e expansão do gênero contos de fadas no mundo ocidental; o terceiro diz respeito ao conto infantil clássico “Branca de Neve”, abrangendo aspectos da sua autoria, enredo e perfil das personagens.

O quarto refere-se à contribuição dos contos de fadas na aquisição e na construção de conhecimentos em Língua Inglesa (LI), contemplando a sua utilização no âmbito escolar e o seu uso no processo ensino/aprendizagem de LI, seguido pelas considerações finais e referências.

2 ETIMOLOGIA, DEFINIÇÕES, GÊNESE, CARACTERIZAÇÃO E EXPANSÃO DO GÊNERO CONTOS DE FADAS NO MUNDO OCIDENTAL

Esta seção refere-se à etimologia, bem como as definições e origem dos contos de fadas, aspectos que os caracterizam e sobre sua expansão nos países do ocidente.

2.1 Contos de fadas: Etimologia e definições

O conto de fadas é um dos gêneros mais populares do campo da Literatura. Conforme registro de natureza etimológica, disponibilizado no estudo de Coelho (1991 *apud* SILVA, 2013, p. 14), a palavra portuguesa “fada” originada do latim *fatum* (destino, fatalidade, fado), é um termo que se reflete nos idiomas dos principais países europeus: *fée* (francês), denominado de *conte de fées*, *fairy* (inglês), denominado de *fairy tale*, *fata* (italiano) e assim *racconto di fata*, *hada* (espanhol), denominado *cueto de hadas*, e *Fee* (alemão), sendo até o século XVIII utilizada a expressão *Feenmärchen*, substituída após o trabalho dos Irmãos Grimm pelo termo *Märchen* (narrativa popular, história fantasiosa). Em Portugal e no Brasil, no final do século XIX, esses tipos de literatura eram denominados de “*contos da carochinha*”, sendo substituída, no século XX, pela denominação “conto de fadas”.

Pertencentes a Literatura Infantil, os contos de fadas, definidos por Von Fraz como “[...] a expressão mais pura e mais simples dos processos do inconsciente coletivo” (Von Fraz *apud* NASCIMENTO, 2015, p. 14), são uma categoria de histórias que se perpetuaram ao longo dos tempos e que estão inseridas na memória individual. De acordo com explicações de Coelho (2008), esse gênero de contos é assim denominado por representar a possibilidade da realização de um sonho e/ou ideais.

2.2 Origem e características dos contos de fadas

O gênero contos de fadas, deste há muito tempo, é considerada uma vertente da literatura que atrai tanto a população infanto-juvenil, quanto à adulta. Conforme Falconi e Farago (2015), a necessidade de contar histórias surgiu quando o homem primitivo se voltou para a busca de explicações racionais, relativas ao mundo. Assim,

o entendimento sobre os fenômenos naturais provinham dos mitos e das narrativas (relâmpagos como armas dos deuses e controle das águas pelas sereias, por exemplo).

Desta maneira, pode-se averiguar que, na maioria das vezes, esses contos de fadas não eram indicados a serem contados para as crianças, pois esses contos eram apenas relatos de fatos da vida, repletos de conflitos.

Segundo Silva (2013, p.11-12), “os contos de fadas chegaram até os dias atuais com maior facilidade após o advento da escrita”. Entretanto, a sua travessia através dos séculos ocorreu por meio da oralidade. E assim, acompanhando a passagem do tempo, são um dos tipos de literatura que possuem características peculiares.

A autora acima ressalta que, primordialmente de gênese oral, os contos de fadas chegaram até os dias atuais com maior facilidade após a invenção da escrita, entretanto, foi pela oralidade que essas histórias foram sendo narradas no decorrer dos séculos, e podem ser encontradas em diferentes vertentes dependendo da comunidade. A isso se deve a associação de tais contos com a cultura popular e com o folclore, que têm como base a história oral e a disseminação de conhecimento e tradição pela oralidade.

Neste contexto, Melo (2017), em sua publicação relativa à origem dos contos de fadas, aponta que, inicialmente, não eram contos feitos para as crianças, mas para adultos com o objetivo de distraí-los em reuniões, e outros encontros de pessoas dessa fase da vida.

De acordo com Merege (2010, p.10-30), os contos de fadas são uma variação do conto popular e/ou fábula que em geral possui uma narrativa curta, a qual reproduz uma história a partir de um motivo principal, com o intuito de transmitir conhecimento e valores culturais de uma geração para outra. Por assim ser, expõem dimensões culturais que vem ao auxílio da compreensão de valores, na totalidade de aspectos e em especial, os sociais das relações humanas e mediações para os conflitos originados por essas relações.

Segundo Coelho (2008, p.12-16), esse tipo de literatura é composto por uma estrutura simples e caracteriza-se pelo seu curto enredo, uma narrativa de tom casual, com histórias simples que diz respeito a acontecimentos fantásticos para divertir e/ou transmitir algum tipo de mensagem e conhecimento ao público, e que traz uma definição clara das características das personagens (bom/mau, feio/bonito),

facilitando a identificação dos seus leitores e/ou ouvintes infantil. Dessa forma, os seres mágicos que fazem parte das histórias (em geral fadas e bruxas) representam respectivamente posse de dons sobrenaturais: às fadas são atribuídas qualidades positivas capazes de interferir na vida humana e auxilia-los em situações extremas, enquanto às bruxas são dotadas de características negativas.

Acompanhando esse raciocínio, Berwaldt e Pretzer (2005) relatam que esse tipo de conto mantém uma estrutura fixa a partir de um problema ligado à realidade, tal como o estado de carência afetiva e/ou de uma situação conflituosa envolvendo pais e filhos, por exemplo, com desequilíbrio da tranquilidade inicial. O desenvolvimento e a busca de soluções se dão no plano fantasioso através da introdução das figuras mágicas (fadas, bruxas, anões, duendes, dentre outros), e cuja instauração da ordem ocorre no desfecho da narrativa, momento em que há o retorno para o plano real.

Sobre esse aspecto, cabe esclarecer que:

os contos começam de maneira simples e partem de um problema ligado à realidade como a carência afetiva de Cinderela, a pobreza de João e Maria ou o conflito entre filha e madrasta em Branca de Neve. Na busca de soluções para esses conflitos, surgem as figuras “mágicas”: fadas, anões, bruxas malvadas. E a narrativa termina com a volta à realidade, em que os heróis se casam ou retornam ao lar (RESSURREIÇÃO, 2005, p. 21).

Desse modo, as histórias narradas nesses contos abarcam poderes mágicos de seres como fadas, magos, bruxas, dentre outros dotados de poderes sobrenaturais, e que emergem no enredo para solucionar os conflitos sofridos pelas personagens.

Tal como realçado por Ressurreição (2005), caracterizado pelo seu curto enredo e narrativa de tom casual, os contos de fadas relatam acontecimentos fantásticos para divertir e/ou transmitir algum tipo de mensagem e conhecimento ao público. Assim, associados à infância, eles constituem histórias simples e de fácil entendimento, os quais abrangem emoções e sentimentos tais como medo, fascínio, apreensão, alegria, ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição e frustração, dentre tantos outros comuns a realidade do ser humano.

A autora referida enfatiza que nos contos de fadas, os seres mágicos são igualmente importantes para o desenvolvimento da história e para o comportamento do herói, uma vez que na cadeia de episódios que se desenrolam, a transformação

é provocada pela intervenção de uma ação mágica para um final positivo. Assim, descreve que:

[...] todos os contos de fadas apresentam histórias de príncipes e princesas – heróis – que vivem situações terríveis criadas por seres malévolos – as bruxas -, mas, felizmente, contam com os seres mágicos: fadas, magos, anões. Por isso, os conflitos são provados por uma intenção maldosa contra uma pessoa de bem e só se resolve pelo encantamento. O herói sofre a perseguição do mal – a bruxa -, o que faz aumentar o conflito até o final, quando a virtude triunfa e o ser malévolos é impiedosamente castigado. Assim, tudo termina com final feliz (RESSURREIÇÃO, 2005, p. 24).

Como dado a ler no citado acima, os contos de fadas tratam poeticamente as situações de equilíbrio e desequilíbrio, que se modificam, provocando a passagem de uma situação à outra, utilizando uma linguagem simbólica em suas versões e envolvendo seres mágicos, os quais auxiliam no conflito e nas soluções aos problemas que emergem, estabelecendo uma cumplicidade entre quem vivência a experiência narrativa e seus personagens.

Sobre isso, Yuzawa e Pavloski (2015, p.1), enfatizam que os contos de fadas retratam sentimentos comuns aos seres humanos (ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição, frustração), cuja compreensão pode ocorrer por meio das emoções e da fantasia, constituindo uma narrativa caracterizada pelo tom casual, histórias simples e de fácil entendimento, além de prazerosas, por evocarem sentimentos variados (medo, fascínio, apreensão, tristeza, alegria, dentre outros) que convidam aos ouvintes das narrativas a compartilhar dos mesmos sentimentos das personagens.

Conforme afirma Bettelheim na sua obra “Psicanálise dos Contos de Fadas”:

[...] Cada conto de fadas é um espelho mágico que reflete alguns aspectos de nosso mundo interior, e dos passos necessários para evoluirmos da imaturidade para a maturidade. Para os que mergulham naquilo que os contos de fadas têm a comunicar, estes se tornam lagos profundo e calmo que, de início, parecem refletir nossa própria imagem. Mas logo descobrimos sob a superfície os turbilhões de nossa alma – sua profundidade e os meios de obtermos paz dentro de nós mesmos e em relação ao mundo, o que recompensa nossas lutas. (BETTELHEIM *apud* YUZAWA, PAVLOSKI, 2015, p. 6).

Assim, os contos de fadas têm a capacidade de refletir através de metáforas no que diz respeito à estrutura familiar e conflitos internos do ser humano, como um dos seus grandes potenciais. Sendo essencial para a compreensão da história que haja o desenvolvimento das ações, no contexto da fantasia, e o aparecimento de elementos mágicos para buscar soluções e/ou restaurar a ordem no final da narrativa.

Na sua abordagem a respeito dos contos de fadas, diz Melo (2006, p.1-3) que nestes, em que está presente uma luta entre o bem e o mal, as motivações são de caráter simples, com predominância de um número limitado de personagens e além de mostrarem os conflitos de cada pessoa, ocasionam um poder impactante no seu psiquismo, uma vez que tratam de suas experiências diárias, identificam-se com alegrias/dificuldades de seus heróis, tendo em vista que transmitem em seus feitos narrados, a condição do homem em face das tribulações da vida.

Robel e Tonelli (2014, p. 7), “assinalam que o conto de fadas abrange o trabalho com as questões subjetivas do ser humano e suas dificuldades subjacentes”. Os personagens apresentam contradições relacionadas ao ser humano como (o bem e o mal, a morte, dificuldades financeiras, beleza, feiura, desobediência, abandono), porém, mostra que se a pessoa mostra-se firme e não se deixa abalar perante as dificuldades, poderá superar seus problemas.

Quanto a isso, Melo (2006) considera que esse tipo de literatura possui aspectos (fantasia, as imagens simbólicas e o discurso inconsciente) os quais perpassam o alcance do raciocínio, posto que seja capaz de provocar emoções que por sua vez, podem comover os que se colocam frente a elas. A respeito da fantasia, Ressurreição (2005) considera-a fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. Nesse gênero da literatura, o público infantil se identifica mais facilmente com os problemas das personagens, dando vazão as próprias emoções ao mergulhar com prazer no faz-de-conta.

Melo (2006), referindo-se a fantasia dos contos de fadas, aponta que a presença permanente da fantasia, justamente pelo inverossímil que apresenta, provoca uma reviravolta no mundo psíquico do ser humano e este ao ser estimulado, empenha-se na tentativa de compreendê-la. Isto explica o fato de a vovó do conto *Chapeuzinho Vermelho* permanecer viva na barriga do lobo até ser salva pelo lenhador, ou, ainda, que *A Bela Adormecida* durma sob o efeito do feitiço por cem anos.

A referida autora coloca que alguns contos de fada possuem figuras representativas dos sentimentos opositores como amor e rejeição, sendo comum uma assimilação das figuras pelas crianças, de forma a externalizar a totalidade de coisas que consideram como ruim e assim, projeta o sentimento equivalente em alguém, como por exemplo, a madrasta malvada da *Branca de Neve*, o comparando com esse vilão da narrativa.

Como já citado, de acordo com Ressurreição (2005, p. 21), “os contos de fadas começam de maneira simples e partem de um problema ligado à realidade: carência afetiva de *Cinderela*; pobreza de *João e Maria*; conflito entre filha e madrasta em *Branca de Neve*”. Nesse contexto, o surgimento de figuras “mágicas” como fadas, anões, bruxas, duendes, dentre outras, se dá no sentido de buscar, solucionar esses conflitos. Geralmente ao final da narrativa há um retorno à realidade representado pelo casamento dos personagens heróis e/ou o retorno ao núcleo domiciliar.

Segundo a autora acima, os contos abrangidos nessa categoria da literatura, não se propondo a um impedimento do sentimento de raiva que uma criança não possa controlar, por exemplo, pretendem ensinar por meio dos fatos que se agirem num momento de raiva ou de impaciência, sem pensar, podem criar problemas, sinalizando que estes poderão ser passageiros e por meio do uso de boas atitudes e comportamento adequados, conseguirão desfazer todo o dano provocado.

Desse modo, nas histórias como a do *Chapeuzinho Vermelho*, os personagens podem ajudar a criança a aguçar a sensibilidade, esperança, otimismo e confiança na vida. O personagem Lobo Mau e todos os seus companheiros continuam sendo antídotos de maior eficiência em relação ao sentimento de angústia e/ou no que tange aos temores do público infantil. Couto e Campos (2009) relatam que no universo das histórias/contos de fadas, as narrativas, cujo início ocorre com princesas maltratadas e príncipes solitários, terminam com casais felizes.

Conforme Couto e Campos (2009, p.2), os contos de fadas podem ser considerados espaços e/ou caminhos em que funcionam para crianças no sentido de possibilitá-la pensar a respeito de sua condição social, seu pertencimento, envolvendo conflitos e valores, tal como apontado no trecho abaixo:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas à esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 2002, p. 12).

Entende-se que os contos de fadas apresentam de alguma forma, a solução para os medos e sonhos dessas crianças, as quais projetam seu mundo nos

personagens e atuam na busca de solução aos seus problemas, levando-se em conta que estes proporcionam uma direção para que estas crianças descubram a sua identidade e consequentemente o desenvolvimento do seu caráter, como apontado por Bettelheim (2002, p.23).

Assim, seguindo de geração em geração, os contos de fadas: Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, entre outros, se fazem presentes na memória social, como também, recordar momentos contidos no mundo da imaginação.

2.3 Difusão dos contos de fada entre países do ocidente

Sobre a difusão desse gênero literário nos países do ocidente, Callari (2012, p.12-13) relata que o surgimento das primeiras versões da maioria dos contos de fadas que se conhece, ocorreu em algum momento do século XII, migrados do Oriente (provavelmente da Índia), em direção ao continente europeu, sendo tido como improvável que essas histórias resultaram de uma única origem.

Passinato (2009, p.33), bem como Falconi e Farago (2015, p.89), aponta que de origem celta, os contos de fadas não eram indicados para as crianças, pois se tratavam de relatos e fatos de vida, repletos de conflitos infantis que surgiram inicialmente como poemas. Durante toda a Idade Média e Moderna esses contos foram constituídos para a literatura infantil. A primeira coletânea foi publicada na capital francesa no século XVII, no governo do rei Luís XIV, sendo essas narrativas recontadas por alguns escritores, dentre os quais Charles Perrault, que por sua vez:

[...] reformulou os principais contos populares de sua época, modificando profundamente os relatos em que se inspirou. Para adaptá-los ao público a que se destinava, Perrault suprimiu dos contos tudo aquilo que poderia chocar seu público e exaltou o imaginário, a fantasia, o sonho e o inverossímil (PASSINATO, 2009, p.33).

Desse modo, Charles Perrault conferiu modificações relacionadas às narrativas infantis. Falconi e Farago (2015) descrevem que, em 1697, na sua publicação intitulada “Contos da mãe”, o referido escritor incluiu contos conhecidos, tais como: *A Bela Adormecida no Bosque*; *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *A Gata Borralheira*, *Chapeuzinho Vermelho* e *O Pequeno Polegar*.

Ainda de acordo com Falconi e Farago (2015, p.89), sabe-se que entre os séculos XVII e XVIII houve um declínio no que diz respeito ao interesse dos adultos

pelas histórias de fadas. A partir do século XIX, dar-se início a um processo de estudo abrangendo a literatura folclórica e popular de cada nação, surge também à preocupação linguística, enquanto por volta de 1812, escritores como os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) passam a estudá-los e publicam os contos de fadas para crianças e adultos (1812-1822).

Cabe salientar, conforme Callari (2012, p.12-13), que os registros feitos de contos de fadas pelos irmãos Grimm ganharam força devido ao súbito e inesperado sucesso dos seus livros entre o público, mais de um século posterior à primeira versão publicada, das adaptações realizadas por Walt Disney. A coletânea dos referidos irmãos inaugura a coleta e registro dos contos populares, sendo que, a exemplo deles, os contos passaram a ser coletados, também, em todo o território europeu.

Neste contexto, Passinato (2009, p.33-34) realça que, embora Jacob e Wilhelm (os irmãos Grimm) não tivessem participação na autoria das histórias publicadas em suas coletâneas, eles a adequaram aos leitores mais jovens, introduzindo algumas modificações, e com o passar do tempo, muitos dos seus contos continuaram a sofrer modificações.

Callari (2012) ressalta que à medida em que foram sendo difundidos de geração para geração, os contos foram cobrindo grandes distâncias geográficas e rompendo as barreiras das línguas, sofrendo inevitavelmente a ação do tempo, da mesma forma em que a falta de precisão, no tocante aos registros orais, cujas alterações foram significativas em muitas das versões, muitas vezes em maior quantidade em um mesmo país, com transmissões frequentes em lugares públicos e/ou privados, tal como segue descrito:

[...] não é preciso grande esforço de imaginação para visualizar os contos sendo transmitidos em tabernas lotadas em noites regadas a vinho e assados; contados pelos pais aos seus filhos em torno de uma lareira ou nas cortes, narrados por contadores de histórias profissionais para nobres entediados; e ou, ainda, em uma plethora de situações menos estereotipadas, mas também verossímeis (CALLARI, 2012, p.X).

Falconi e Farago (2015, p. 101-102) descrevem que, originalmente, os contos de fadas emergem como contos folclóricos que se caracterizam nos conformes das sagas locais, passando de geração a geração e entre a diversidade de povoados, até se firmarem como histórias. Destacam-se contos como: *A Bela Adormecida*, *Os Músicos de Bremen*, *Os Sete Anões* e *a Branca de Neve*,

Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, O Corvo, As Aventuras do Irmão Folgazão, A Dama e o Leão, traduzidos para a língua portuguesa.

Os contos de fadas, que, segundo Couto e Campos (2009, p.2), tem sido reconhecido como literatura infantil, são ouvidos desde a Idade Média e contados de geração em geração, permanecendo até hoje em diferentes versões, e, conforme Tonelli, Alonso e Cristovão (2012, p.49-64), podem ser assistidos nas telas dos cinemas ou lidos em diferentes formas e/ou tamanhos, assim como nas encenações teatrais variadas. As mais conhecidas na cultura brasileira atualmente estão: *A Bela Adormecida, A Branca de Neve, Rapunzel, A Gata Borralheira ou Cinderela e A Dama e o Leão ou A Bela e a Fera*.

Nesse sentido, o capítulo a seguir trata-se do conto de fadas *Branca de Neve na versão dos irmãos Grimm*, abrangendo o histórico de autoria dos deles, o seu enredo, assim como a caracterização das personagens que dele fazem parte.

3 O CONTO INFANTIL CLÁSSICO *BRANCA DE NEVE*

Esta seção se refere ao conto infantil clássico “*Branca de Neve*” em três tópicos que apresentam: sobre a autoria dos irmãos Grimm, o seu enredo, conforme o livro intitulado como “*Branca de Neve: os contos clássicos*” de Callari (2012), bem como o perfil dos personagens.

3.1 Sobre a autoria dos irmãos Grimm

De acordo com Callari (2012), existem muitas versões de conto de fadas vindas da Alemanha, Itália, Suíça, Rússia e Escócia, as quais retratam as suas sociedades e o seu pensamento em diferentes períodos históricos. Quanto ao da “Branca de Neve”, alguns especialistas defendem a ideia de que as tradições orais que chegaram ao continente europeu originando esse conto de fadas, misturaram-se com a história da personagem da nobreza real Margaret von Waldeneck (1533-1554), uma jovem possuidora de uma beleza ímpar, a qual fora vítima do meio em que vivia devido ao envenenamento ocasionado por questões políticas (impedir o seu matrimonio com o Rei Felipe II, da Espanha).

Segundo Vidal (2008, p.1-9), o conto de fadas “*Branca de Neve*” e/ou “*Branca de Neve e os Sete Anões*”, é um dos mais conhecidos no mundo ocidental, onde remonta há tempos antigos e sua narrativa com formas variadas e línguas europeias, foi se disseminando paulatinamente para os outros continentes.

Sobre esse conto infantil, Callari (2012, p.12) relata que a primeira versão foi publicada pelos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm (grandes pesquisadores da língua alemã, estudiosos do folclore e especialistas em Direito), no ano de 1812, no livro intitulado originalmente “*Kinder und Hausmärchen*”, cuja tradução no idioma português indica “*Contos da criança e do lar*”. Esta obra fora então escrita para um público seletivo (estudiosos e escolásticos).

O referido autor assinala que devido ao sucesso inesperado junto aos pais que queriam comprar a obra para seus filhos, uma nova versão foi publicada em 1815. No conto em questão, contido no seu livro intitulado *Branca de Neve: os contos clássicos*, o enredo apresentado já havia sofrido quase todas as alterações pretendidas pelos irmãos Grimm.

De acordo com Passinato (2009, p.38), o conto “*Branca de Neve*” foi o pioneiro da categoria longa-metragem de animação da história. No ano de 1937 esse foi adaptado para o cinema pela Disney com o título “A Branca de Neve e os Sete Anões”, em cuja versão sofreu alterações em alguns pontos de seu enredo.

3.2 Enredo

Era uma vez uma rainha que queria muito ter uma filha com a pele tão branca como a neve, tão corada como o sangue e com os cabelos tão negros como o ébano. Pouco tempo depois deu à luz a uma linda menina com essas características, sendo chamada de Branca de Neve, e neste momento a rainha morreu. Passado um ano, o rei casou-se de novo.

Sua nova mulher era bela, mas altiva e orgulhosa e não aceitava que nenhuma mulher fosse mais bela que ela. Tinha um espelho encantado diante do qual ficava se contemplando e perguntava: “Dize a pura verdade, dize, espelho meu, há no mundo mulher mais bela do que eu?”. O espelho sempre respondia: “Não minha rainha, vós sois a mais bela”, e a rainha ficava satisfeita, pois o espelho só falava a verdade.

Mas Branca de Neve ia crescendo e tornando-se mais bonita, quando em certo dia a rainha repetiu a pergunta ao espelho, e este respondeu: “Senhora rainha, sois muito linda, mas Branca de Neve é mais bela ainda”. Ao ouvir isto, a rainha ficou lívida de raiva e inveja e, desde aquele momento, odiou Branca de Neve. A bela menina foi crescendo e o ódio da rainha aumentando. Um dia a rainha chamou um caçador e ordenou: “Leva a menina para a floresta, mate-a e, como prova de que cumpriste a minha ordem, tragam-me o seu pulmão e seu fígado”.

O caçador obedeceu, levando a menina para a floresta, mas ficou com pena e a deixou fugir. Então o caçador matou um filhote de urso que ali passava, retirou o pulmão e o fígado, e levou para a rainha como prova de que a menina estava morta. Branca de Neve perambulou pela floresta, assustada, até que encontrou uma pequena casinha, e foi acolhida por seus donos, sete anões, que a deixaram ficar, fazendo com que nada lhe faltasse. Todos os dias, enquanto os anões iam trabalhar Branca de Neve cuidava da casa, cozinhava, arrumava as camas, lavava roupas, costurava, tricotava, e mantinha tudo limpo e em ordem na pequena casa.

A rainha acreditou que havia comido o pulmão e o fígado da enteada e pensou que voltara a ser a mulher mais bonita do mundo. Porém, ao perguntar novamente a seu espelho se havia no mundo mulher mais bela que ela, o espelho respondeu: “Senhora rainha, sois muito linda, mas Branca de Neve, lá na casinha dos sete bondosos anões é muito mais bela ainda”.

Percebendo que fora enganada pelo caçador, a rainha teve outra ideia: pintou seu rosto, vestiu-se como uma velha e foi até a casinha dos anões para entregar uma maçã envenenada à Branca de Neve. A linda jovem, acreditando que aquela era uma bondosa velhinha, aceitou sua maçã, e assim que mordeu um pedaço, caiu morta.

Quando os anões voltaram para casa e encontraram a menina morta, fizeram de tudo para reanimá-la, mas nada adiantou. Depois de três dias chorando, era necessário enterrá-la, mas esta continuava corada, com aparência de uma pessoa viva. Então os anões mandaram fazer um caixão de vidro, onde a colocaram e a levaram para o alto da montanha, ficando sempre um deles ao seu lado, protegendo-a.

Depois de muito tempo, um príncipe passou por ali e viu a linda Branca de Neve, apaixonando-se por ela. Pediu aos anões para levá-la com ele, e assim o fez. Porém, seus servos, que carregavam o caixão, tropeçaram, e com a sacudidela, o pedaço da maçã envenenada que Branca de Neve mordera, saltou de sua garganta. Neste momento a jovem acordou e o príncipe lhe explicou o que estava acontecendo, declarando-se para ela. Os dois foram para o castelo do príncipe, onde se casaram com grande pompa e riqueza.

A madrasta, que acreditava ter matado Branca de Neve, também foi convidada para o casamento. Ao chegar lá, reconheceu a enteada e ficou muito assustada com a surpresa. Porém, os serviços do castelo já haviam preparado para ela sapatos de ferro, recém-tirados do fogo, os quais ela teve que calçar e dançar a noite inteira. Exausta e se retorcendo de tanta dor, no fim da noite, a malvada mulher deu seu último suspiro, e junto com este, saiu também sua alma, que foi em direção ao inferno.

3.3 Perfil dos personagens

De acordo com Couto e Campos (2009, p.5), na estrutura dos contos de fadas as personagens possuem características marcantes. Geralmente são em quantidade reduzida e se distribuem na categoria de crianças e/ou jovens em idade de união matrimonial que vivem em condições de pobreza em uma cabana ou na condição de nobreza em um palácio encantado.

Quanto a sua origem Goes (1991 *apud* COUTO E CAMPOS, 2009) aponta que tanto as características que as distinguem, como a forma de atuação das personagens se situam nos dois extremos: distinguem-se entre extremamente exageradas e excessivamente boas, medrosas, belas e/ou tragicamente feias, com alto teor de perversidade ou covardia, de valentia e nobreza ou se enquadram na performance de anão/gigante, bruxa/princesa, reis disfarçados de mendigos ou esses convertidos em reis e/ou cavaleiros.

A partir do trabalho com a leitura de cinco contos de fadas, dentre esses o “*Branca de Neve e os Sete Anões*”, Couto e Campos (2009), relatam que a fada, a princesa, a mocinha são sempre protótipos da raça ariana: cabelos longos e louros, olhos azuis, corpo esbelto, altura média, roupa imaculada etc. Nesse âmbito se encaixa a personagem Branca de Neve: “com a pele tão branca como a neve, tão corada como o sangue e com os cabelos tão negros como o ébano”.

Passinato (2009) aponta que nos contos de fada tradicionais, a personagem feminina é representada como um ser passivo, frágil e dotada de medo e/ou incapacidade para uma autodefesa, e em geral, sempre à espera de um grande amor que venha em sua salvação. No conto “*Branca de Neve*”, por exemplo, a bela jovem em sono profundo, deitada em uma espécie de caixão de vidro espera que o seu amado príncipe apareça para salvá-la.

Sobre a personagem masculina, Passinato (2009) descreve que é visto um ser ativo (corajoso, independente, impulsivo, decidido) que possuem o destino das jovens sob sua responsabilidade, sendo os únicos que podem salvá-las das varias formas de maldade que as atingem. Representado pelo mocinho e/ou príncipe, tem estatura alta, geralmente é referido como um homem corpulento, forte, elegante, bem barbeado e sempre belo, mesmo depois de ter cavalgado dias a fio e enfrentado mil perigos de toda espécie e qualidade.

Couto e Campos (2009, p.8) ressaltam que, invariavelmente, a madrasta de Branca de Neve caracteriza-se em um ser misterioso, e enigmático que conhece e desproveem de outros conhecimentos, que pode até ser muito sedutora e atraente (por isso perigosa e ameaçadora). Ela usa da magia para se transformar em uma bruxa, a qual em conjunto com os anões, são os personagens feios, monstruosos, grotescos ou deformados.

Segundo Bettelheim (2002), o motivo central de "Branca de Neve" é a superação em todos os modos dessa personagem pré-adolescente a sua madrasta malvada, a qual enciumada nega a sua enteada uma independência existencial. Na história narrada à personagem Branca de Neve é traída por sua madrasta que manda um caçador matá-la. Mas a mesma é salva por sete anões que viviam em um casebre no bosque, e depois por um príncipe que a desperta com um beijo, culminando em um final feliz do conto de fadas.

Com base na estrutura das narrativas dos contos presentes contidos no livro de Callari, vemos muitos pontos em comum como a relação nada amigável entre Branca de Neve e a sua madrasta malvada, pois como pode-se perceber em todos os contos tidos em Callari, que branca de neve sempre causa inocentemente uma inveja à madrasta devido ser muito e/ou sempre a mais bela. A madrasta não aceita ser inferior a nenhum ser feminino de sua espécie, pois a necessidade de ser única e bela é quase uma virtude que deve-se zelar.

Para Tyson (2006, p-94), os princípios estruturalistas podem ser usados para estudar semelhanças subjacentes entre as experiências e produções das mulheres de várias culturas, assim como as semelhanças subjacentes nas formas em que são oprimidas.

Levando em conta este ponto, pode-se perceber quase sempre a estrutura patriarcal, a figura da mulher sempre como uma figura passiva, frágil, apesar da classe econômica, que sempre precisa de uma figura masculina para lhe ajudar e/ou apoiar, como por exemplo na Branca de neve temos os anões e/ou o príncipe encantado.

Vale dizer conforme Passinato (2009), que a protagonista do conto (Branca de Neve) enfrenta vários obstáculos, dentre esses a madrasta, anteriormente ao seu final feliz. Somente depois de ser submetida a tanto sofrimento é que ela consegue se casar com o príncipe, recebendo a recompensa da felicidade plena.

A propósito, de acordo com Passinato (2009), esses contos são preferencialmente finalizados com a frase “E viveram felizes para sempre” ou como posto pelos irmãos Grimm, o uso de variações como “e viveram felizes até o fim de

seus dias". Em geral, se trata de uma frase apresentada em todos os contos tradicionais, posterior ao evento matrimonial entre a protagonista (como a Branca de Neve) e seu príncipe encantado.

Assim, relatados esses aspectos condizentes ao gênero literário "contos de fadas", no último capítulo, segue a discussão sobre as formas que tais contos podem ser utilizados para um aprendizado e/ou reforço no ensino da LI.

4 CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA AQUISIÇÃO E NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM LÍNGUA INGLESA (LI)

Esta seção descreve sobre a utilização dos contos de fadas no âmbito escolar e do uso dos contos de fadas no processo ensino/aprendizagem de Língua Inglesa (LI).

4.1 Utilização dos contos de fadas no âmbito escolar

De acordo com Vidal (2008, p.2), “as escolas foram criadas como locais direcionados ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem”. Assim, representando os “centros do saber” do país, utilizam a literatura infantil e infanto-juvenil como artefato pedagógico que abrange um caráter educativo e moralizador no sentido de ensinar e/ou incutir normas e valores socioculturais dominantes.

A partir disso, como descrito no texto de Vidal (2008) o ensino abrangendo os contos de fadas, servem ao propósito de mostrar às crianças sobre o que é certo e errado, o que é bom e ruim, o que é justo e desonesto, com reforço aos valores e binarismos sociais. Ensinando dentre outras coisas, como se tornar homem e mulher.

Couto e Campos (2009, p.6) ressaltam que o trabalho pedagógico com abrangência de contos de fadas, como o da Branca de Neve, possibilita evidenciar em sua narrativa a presença de aspectos como medo, luta vitória, problema, busca da solução e seu alcance, e em formato diferenciado o papel da mulher no contexto social conjugado a fatores da beleza, raça, posição social dentre outros, além de fazer uso do jogo simbólico e das expressões artísticas.

Estes autores partilham do pensamento de que, para o público infantil o mundo dos contos de fadas é interessante e fascinante tendo em vista que essas histórias apresentam de alguma forma, a solução para seus medos e sonhos, projetam seu mundo nos personagens e os ajudam a atuar na busca de soluções aos seus problemas.

Da mesma forma, Bettelheim (2002, p.230-235) defende a ideia de que a leitura dos contos de fadas direciona a criança para a descoberta de sua identidade

e comunicação, além de sugerir as experiências que colaboram para a formação e/ou desenvolvimento seu caráter.

4.2 O uso dos contos de fadas no processo ensino/aprendizagem de LI

De acordo com estudiosos da área da Educação, dentre quais Freire (2011), a formação do escolar deve ter a integralidade do ser como horizonte. Nesse sentido, o processo educativo deve desenvolver-se de forma a favorecer a realização das potencialidades de cada aprendiz, abarcando as suas diversas dimensões.

Em se tratando da população de adolescentes e jovens que compõem as salas de aula dos níveis Fundamental (6^a – 9^º ano) e Ensino Médio, não é diferente, pois com base na concepção freiriana (FREIRE, 2011, p.1-54) entende-se que a educação, “é condição para libertação e para a transformação radical da realidade, e torná-la mais envolvente é um requisito importante a ser considerado, no sentido de permitir o reconhecimento dos alunos como sujeitos de sua história”.

Desse modo o processo ensino-aprendizagem deve oportunizar aos alunos a se tornarem cidadãos autônomos e atuantes na sociedade. E neste sentido, a escola como agência capaz de promover a mobilidade social das novas gerações, deve partir de uma perspectiva que trate estes sujeitos em sua integridade.

Pode-se então dizer que a escola, por meio de seus agentes educacionais, deve buscar construir um modelo educacional capaz de gerar novos ambientes de aprendizagem, que traga a percepção de mundo holística, global, sistêmico e seja capaz de gerar um novo sistema ético respaldado por novos valores, novas percepções, novas ações e que leve a um novo diálogo criativo do homem consigo mesmo e com a sociedade.

Além disso, vale ressaltar que a escola deve oferecer as condições instrumentais mínimas, requeridas pelas novas exigências do mundo contemporâneo, para que o aluno possa construir o seu conhecimento com a interação por várias relações, mediado por outros indivíduos.

Com base em Vygotsky (2001), afirma que a linguagem possibilita ao homem adquirir uma forma de lidar com o objetivo do mundo exterior e é por meio dela que as funções mentais superiores são formadas socialmente e transmitidas através da cultura. A linguagem, elemento essencial da comunicação, permite o elo entre os

indivíduos e seu desenvolvimento, sendo por conta disso, o uso da linguagem ser determinado pela natureza sócio interacional.

Na dimensão sócio interacionista de Vygotsky (2001, p. 521), “a linguagem é compreendida como prática social”. Dessa forma, a partir dela, segundo os PCN, o aluno pode “[...] compreender e expressar opiniões, valores, sentimentos, informações, oralmente e por escrito” (BRASIL, 1998, p. 54).

Assim, fica patente que o homem precisa do meio para a sua própria aprendizagem no processo para ensinar e aprender, trabalhar no âmbito da formação de novos cidadãos, dando enfoque que abrange os outros objetivos culturais e educacionais, para que o ensino possa realizar uma contribuição valiosa, focalizada por Soares (2002) como o trabalho em prol de uma alfabetização dos alunos, condizente com as necessidades da sociedade em que vivem, de uma sociedade que tem as suas próprias características, porque é interpelada por uma história e uma cultura em constante construção e reconstrução.

Conforme Soares (2002), os indivíduos trazem consigo várias experiências de vida, cultura e pensamentos diferentes, e há um relacionamento intra e interpessoal no grupo, onde são internalizados conhecimentos e aprendizagem das funções sociais. A partir dessa concepção, os PCN orientam que o aprendizado de uma língua deve promover a compreensão intercultural, no que diz respeito ao conhecimento de outras culturas e consequentemente a “[...] aceitação das diferenças nas maneiras de expressão e de comportamentos” (BRASIL, 1999, p. 37).

Parte-se da premissa que a ideia de um aprendizado de uma língua, permite o acesso de um número maior de informações em áreas diversas, linguagens, códigos e suas tecnologias, ciências da natureza, matemática e suas tecnologias, culturas e suas sociologias, nesse sentido, a proposta para a abordagem e o tratamento das habilidades e competências no ensino de LE, segundo exposto pelo PCN (BRASIL, 1999, p.140-148) colabora para a integração do aluno no mundo globalizado, mediado pelo princípio geral de “[...] levar o aluno a comunicar-se de maneira adequada em diferentes situações da vida cotidiana” (BRASIL, 1999, p. 148).

Assim, tal como apontado no PCN (BRASIL, 1999, p. 49-63) para adquirir essa competência, o ensino/ aprendizagem da língua inglesa deve-se levar em consideração vários aspectos, dentre os quais a metodologia, os recursos e a forma

de aprendizado individual, enfim, tudo que um planejamento necessita para ser considerado eficaz.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998, p.1-121), nas situações de ensino-aprendizagem de uma LE, as atividades devem direcionar-se para o desenvolvimento da compreensão leitora, podendo essas ocorrerem sob a forma de tarefas variadas a serem realizados com os alunos.

Da mesma forma, é necessário propiciar diferentes estratégias para esse fim, e que contemplem a produção oral e escrita paralela à interação dos alunos no processo, assim em lugar de aulas com exclusivos exercícios de cópia e tradução; repetição e textos descontextualizados, atividades com exploração de diferentes recursos, receitas, em conformidade com as possibilidades da escola, para que o aluno tome consciência da existência de elos entre o que é estudado e seu entorno social, tendo em vista o significado e a relevância da atividade em vez de focar-se no estudo puro e simples do sistema da língua envolvida, embora ele não esteja descartado.

Nesse sentido as aulas de LI não devem ocorrer no formato de simples transmissão do conteúdo, correspondente a uma visão de educação e de ensino ao que Freire (2011, p.10-13) chama de concepção bancária de ensino, que se dispõe a depositar na cabeça dos alunos um conhecimento que o professor possui e que transmite a eles; mas sim, entendendo educação e ensino como uma troca entre aquele que ensina e aquele que aprende, em uma situação de interação, no qual o professor aprende com os alunos e estes aprendem com o professor e com os colegas; como também, ensinar por meio de tarefas variadas e atividades significativas e úteis no mundo real.

É necessário ofertar possibilidade de se tornarem cidadãos autônomos e transformar a escola na porta de entrada de um mundo a ser descoberto, mostrando aos alunos que o estudo da língua inglesa faz diferença no seu cotidiano, com o uso de recursos variados que também fazem parte da aprendizagem, além do quadro do giz / pincel, tais como filmes, revistas, músicas, entrevistas, documentários, e contos de fadas, por exemplo.

Sobre isso, Araújo (2006) ressalta que o valor educacional da aprendizagem de uma LE vai muito além de meramente capacitar o aprendiz a usa-la para fins comunicativos, além de acentuar que, experiências com o ensino de qualquer LE, somente marcada pela aprendizagem de palavras e frases isoladas são pouco

significativas. Daí a importância de focar a língua como um elemento de expressão de uma cultura e de um povo, como demonstra a professora de língua estrangeira (inglês / espanhol) Dirlene Paesanti Pereira.

A referida professora citada no texto de Araújo (2006) ensina a garotada do 6º ao 9º ano de uma escola pública em Belo Horizonte (MG) por meio do uso de livros técnicos e de literatura, enciclopédias, almanaques, aparelhos de som e CDs. Em seu acervo contém também publicações técnicas sobre jardinagem, culinária e esporte, adaptações de literatura, e de contos de fadas como *Branca de Neve*.

Araújo (2006) evidencia que a professora Dirlene facilita a superação de barreiras linguísticas, além de possibilitar aos alunos o conhecimento do mundo, e ao estreitamento de laços com outros países, utilizando como estratégia a identificação de palavras em uma notícia de jornal ou nos textos relacionados à literatura, além dos diálogos de filmes e trechos de músicas.

Na escola localizada na cidade de Arapoti, no interior do Estado do Paraná, onde Yuzawa e Pavloski (2014, p.7) desenvolveram um projeto abrangendo o gênero conto de fadas nas aulas de língua inglesa em turmas de 6º ano do ensino fundamental, os resultados apontaram que, o trabalho com os contos de fadas mostrou-se promissor uma vez que, contribuiu para a aquisição e construção de conhecimentos em LI.

De acordo com as referidas autoras, através do uso dos contos na sala de aula, os alunos desenvolveram as quatro habilidades importantes para as suas vidas: fala, escuta, leitura e escrita. O contato com esse gênero propiciou o aprimoramento da percepção auditiva e visual (ilustrações, trechos de filmes e/ou do imaginário), além da produção verbal e da produção escrita (texto escrito com diálogos e/ou palavras cognatas), assim como da fala (a leitura do professor, audição de CD ou assistindo ao DVD). Por meio das histórias, foi possível aos alunos contextualizarem as suas experiências e assimilarem o vocabulário, as estruturas gramaticais e/ou a pronúncia de determinadas palavras.

Para Yuzawa e Pavloski (2014), os contos de fadas podem ter grande eficácia no processo de ensino da LI, considerando-se que são dotados de uma narrativa fácil no que tange ao vocabulário e à temática que deles fazem parte, tendo em vista a facilidade de acompanhamento pelos alunos, embora eles desconheçam o vocabulário presente na narrativa em questão.

Assim, entende-se que com os contos de fadas nas aulas de LI, é possível criar situações, condições e oportunidades para que as crianças tenham espaço para ampliar suas experiências pessoais e certamente contribuir para a ampliação da bagagem cultural e social de que dispõe a imaginação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica dos educadores, independentemente da disciplina que regem, deve favorecer a aprendizagem dos alunos de forma contextualizada. E se tratando da área de LE, há de se superar um tipo de ensino centrado na transmissão de conteúdos, tendo o livro como único e superior instrumento / eixo em torno do qual o processo ensino / aprendizagem da LE é desenvolvido e que, contradiz ao previsto na LDB nº 9394/96, a qual postula a ênfase na adoção de metodologias e recursos que estimulem a iniciativa dos aprendizes.

Vale dizer que é necessário ter como referências um ensino no qual tenha primazia à pedagogia libertadora, referida por Paulo Freire, a qual sugere formas de substituição da conduta tradicional pela adoção de uma nova proposta que privilegie aprendizagens significativas, ou seja, um processo de ensino, cuja metodologia, abarcando a pretensão de estabelecer uma vinculação entre os conteúdos e as situações reais que esse sujeito vivencia, leve o aluno a participar ativamente do processo em construção, afim de que possa avançar de um conhecimento ingênuo ou espontâneo, resultante de aprendizagens anteriores, para um conhecimento científico que possibilite uma leitura crítica da realidade social.

Nesse sentido, entende-se que as aulas de LI do ensino fundamental e médio podem ser enriquecidas com estratégias metodológicas diversificadas com uso de recursos didáticos variados e contos do âmbito da Literatura infantil, considerando-se que as narrativas contidas nos contos como o clássico *Branca de Neve*, representam uma possibilidade para os alunos atualizarem seus conhecimentos, adquirirem habilidades e competências para atuarem na sociedade; trocarem experiências e terem acesso a novas formas de cultura.

Os resultados evidenciados no presente estudo apontaram, em conformidade com os objetivos propostos, que o conto de fadas é originário da tradição oral, sendo um dos gêneros mais populares do campo da Literatura infantil, tratando-se de uma variação do conto popular e/ou fábula, que traz uma narrativa curta, cujo relato reproduz uma história que tem um motivo central e como propósito o de difundir conhecimento e valores culturais de geração para geração.

Quanto ao seu papel na aquisição e na construção de conhecimentos em Língua Inglesa (LI), verificou-se que, o uso de contos de fadas em sala de aula, como *Branca de Neve*, por exemplo, pode auxiliar na aquisição e na construção de

conhecimentos em LI, pois por meio dos diversos contos infantis, é possível criar um contexto para assimilação de vocabulário, estruturas gramaticais e/ou pronúncia, dentre outros elementos.

Assim, evidenciou que no ensino da LE, a leitura dos gêneros contos de fadas, como *Branca de Neve*, propicia uma gama de benefícios, pois além de representarem uma maneira dos alunos procederem com a contextualização de situações e emoções que lhes são internas, assim como socializar também as experiências com os demais colegas de turma, pode possibilitar aos alunos o desenvolvimento de várias habilidades, tais como a criatividade, a dedução, bem como a assimilação de valores imprescindíveis para o bom funcionamento da sociedade, dentre os quais o afeto e a honestidade.

Espera-se que esse estudo possa servir de subsídio para futuras pesquisas acadêmicas, direcionadas para a busca de novas alternativas para melhorar o ensino e a aprendizagem de LI, e propicie uma reflexão, considerando-se a premissa de que é fundamental que no processo de ensino e aprendizagem da LI nas escolas brasileiras, especialmente nas da rede pública, os professores atuem pedagogicamente com diversos recursos didáticos e materiais adequados a cada tarefa, entre esses os contos de fadas, com vistas a propiciar aos alunos um ambiente de aprendizagens significativas, necessárias a suas vidas, assim como contribuir para que o ensino oferecido nas turmas de nível fundamental e médio, efetive sua função como etapa da formação educacional básica da totalidade de educandos que a compõe.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. No sé hablar español/ i compreendes? **Rev. Nova Escola.** ano XXI, n.197, p. 48-49, nov. 2006.

BERWALDT, Â. F; PRETZER, S. A Branca de Neves e os sete anões. **Idéias – Revista do curso de Letras** (on line), 2005.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações/Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005. Disponível em: <www2.senado.leg.br/bdsf/.../65.pdf> Acesso em: 07 de jul. 2017.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** apresentação dos temas transversais e ética. Brasília: MEC/SEF, 1999. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Acesso em: 13/06/2017

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf> Acesso em: 10/06/2017

CALLARI, A. **Branca de Neve:** os Contos Clássicos. São Paulo: Évora, 2012.

COELHO, N. N. **O conto de fadas:** símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2008.

COUTO, M. E. S; CAMPOS, G. V. Os contos de fadas: a leitura e a construção do imaginário infantil. **Conlire.** I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras. III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura. VII Encontro Local do PROLER. UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009.

FALCONI, I. M.; FARAGO, A. C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação:** ensino e sociedade. Bebedouro-SP, v.2, nº 1, p. 85-111, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográficas, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MELO V. C. F. A Psicanálise dos Contos de Fadas: O Discurso Inconsciente nos Contos de Fadas. **Planeta Educação,** 2006. Disponível em: <

www.planetaeducacao.com.br/portal/impressao.asp?artigo=2057.> Acesso em: 6 abr. 2017.

MELO, P. **Origem dos contos de fadas**. Disponível em: <
www.estudokids.com.br/a-origem-dos-contos-de-fadas/.> Acesso em: 6 abr. 2017.

MEREGE, A. L. **Os contos de fadas**: origens história e permanência no mundo moderno. São Paulo, SP: Claridade, 2010.

NASCIMENTO, A. C. S. **Branca de Neve**: Contos, Filmes e Educação. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Brasília: março, 2015.

PASSINATO, V. **Análise Comportamental de Contos de Fada**: Uma Questão de Gênero. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES. Brasília, julho, 2009.

RESSURREIÇÃO, J. B. da. **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação**. 2005. Disponível em:<
<http://www.facos.edu.br/old/galeria/129102010020851.pdf>> Acesso em: 12. Mai. 2017.

ROBEL, J. C; TONELLI, J. R. A. “Eram algumas vezes...”: o gênero conto de fadas e sua versão adaptada para o cinema como instrumento contextualizador para o desenvolvimento da capacidade leitora de Língua Inglesa. **Cadernos PDE Versão online** - Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: artigos. Paraná, v. 1, p.01 – 19, 2014. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_lem_artigo_jacqueline_cardoso.pdf Acesso em: 12. Mai. 2017.

SILVA, D. R. M. B. da. **As várias Brancas**: estudo sobre a representação e ressignificação da Branca de Neve. São Paulo: USP – ECA – CELACC, 2013.

SOARES, C. C. **Reinventando a escola**: os ciclos de formação na escola plural. São Paulo: Annablume, 2002.

TONELLI, J. R. A.; ALONSO, T.; CRISTOVÃO, V. L. L. Gênero histórias infantis: uma abordagem para o ensino da língua inglesa para crianças. In: CRISTOVÃO, V. L. L. **Modelos didáticos de gênero**: uma abordagem para o ensino de língua estrangeira. Londrina: UEL, 2007; p. 49-64.

Tyson, L., **Critical theory today** : a user-friendly guide. Routledge, 2nd ed. 2006

Vidal, F. F. **Os “Novos Contos de Fadas”** Ensinando sobre Relações de Gênero e Sexualidade. Florianópolis: agosto, 2008.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

YUZAWA, R. L. B; PAVLOSKI, E. **O gênero conto de fadas em aulas de língua inglesa no ensino fundamental:** resgate do imaginário. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_lem_artigo_sirlene_madalena_barros.pdf>. Acesso em: 12. Mai. 2017.